

A MATÉRIA COMO SIGNIFICADO: A RELAÇÃO ENTRE TÉCNICA CERÂMICA E MITOLOGIA EM DIFERENTES CULTURAS

Camila da Costa Lima

Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” - UNESP

RESUMO

A cerâmica está presente em diferentes civilizações há milhares de anos. Este trabalho procura discutir as relações entre a produção cerâmica e os aspectos mitológicos atribuídos a esta técnica em diferentes culturas.

Se, por um lado, existem mitos que resgatam a criação do próprio homem a partir do barro, por outro se verifica o uso deste barro com uma função que excede o suporte em criações contemporâneas. São diversos os casos que demonstram como os mitos permeiam a técnica da cerâmica, tanto a cerâmica inspirando mitos quanto mitos inspirando a criação cerâmica.

Devido às diferentes possibilidades oferecidas, a cerâmica se apresenta como uma técnica interessante para criações que englobam tanto objetos utilitários quanto artísticos, desde as primeiras civilizações até a arte contemporânea.

A RELAÇÃO HOMEM E BARRO: A MITOLOGIA DA TRANSFORMAÇÃO

O ato da transformação talvez seja o que mais chama a atenção dos que trabalham com a cerâmica, o que leva a argila a ser tratada como um material repleto de significados.

Na verdade, em cerâmica o trabalho é realizado em conjunto: homem – natureza, artista – fogo. É intrínseco ao processo da cerâmica o artista saber direcionar tanto o barro como o fogo para uma finalização desejada.

O fogo está diretamente relacionado ao ato de transformar – transforma o barro em cerâmica, matéria em cinza – sua ação sempre despertou interesse na humanidade, desde sua descoberta pelo homem pré-histórico. Seu descobrimento significou ao homem proteção, capacidade de afastar ou ferir predadores e produzir calor, luz e por conseqüência, a possibilidade de transformar o barro em cerâmica, fazendo nascer nesta técnica novas possibilidades, uma vez que a partir do processo da queima as peças passaram a ganhar maior resistência.

Na história, os mitos remetem a uma forte relação entre o barro e o homem, deste os mitos de criação, até práticas de alimentação, medicação e extração para o uso na produção da cerâmica. Na bíblia, com barro e sopro, um Deus ceramista fabricou o homem à sua imagem e semelhança. Na Mesopotâmia, diz-se que os homens foram criados com lama e sangue. Segundo Mariza Bertoli (2003, p. 40): “Na tradição hebraico-cristã o homem é feito a frio, o fogo vem como castigo, como sacrifício, o fogo não cabe no momento de criação, só no momento da imolação ou da danação no inferno”.

Conta Lévi-Strauss (1985, p. 144) sobre os índios da região da Califórnia que se alimentavam de terra: “Segundo os Machiguenga, a argila consumida pelos primeiros humanos era “uma terra vermelha semelhante àquela de que se faz a louça [...] uma espécie de barro que endureciam e coziavam em cinzas quentes” [...]”. O autor ainda descreve o fato de os gregos consumirem um determinado tipo de argila como medicamento, ou ainda de que na América do Norte misturava-se argila vermelha nos pães. Há também o caso de certas índias oleiras que ingerem a argila: “mordiscam ou provam várias vezes sua pasta para lhe apreciar a textura e outras qualidades consideradas necessárias para uma boa cozedura”. (Ibidem, p. 173).

O barro talvez esteja mais ligado à nossa existência e história do que normalmente se nota na cultura atual. São antigas as crenças e mitos que relacionam esta matéria com a humanidade, desde nosso aparecimento e sobrevivência até o estudo a partir de peças cerâmicas pertencentes a antigas civilizações. Diferente de outros materiais, como o tecido e papel, as peças realizadas a partir do barro e queimadas, em alguns casos, foram as únicas que sobreviveram ao tempo para documentar fatos de culturas hoje extintas.

O respeito ao extrair o barro da natureza é outra característica determinante, como descrito em

A *Oleira Ciumenta* (Ibidem, p. 34) sobre o mito dos índios Waura, da região do Alto Xingu, em relação a uma serpente sobrenatural, proprietária de diversos recipientes, que habita locais de muita argila: “[...] quando se quer tirar barro, é preciso tomar cuidados. Deve ser extraído muito lentamente. Se se fizer barulho, a serpente aparece e comerá as pessoas.” Ou como acontece no mito Jivaro a respeito da Senhora da argila e da louça de barro que estipula um determinado período para a retirada de sua argila, além de precauções a serem tomadas por quem retira sua matéria, como a castidade obrigatória das oleiras. Caso contrário, os potes podem rachar durante a queima ou mesmo haver epidemias e mortes entre o povo da região. (Ibidem, p. 36).

O respeito e o silêncio também estão presentes na extração da argila pelas índias Suruí de Rondônia (Revista UnespCiência, 2012, p. 12): “Nesta etapa, as mulheres não falam, para não chamar a atenção do espírito do caranguejo, que guarda o lugar”.

Ainda, os ameríndios dos Pueblos, segundo Levi Staruss (1985, p. 39) acreditavam que as cerâmicas possuíam alma e personalizavam seres vivos: “ Esta essência espiritual pertence aos vasos logo que foram modelados e antes da cozedura. [...] Quando um pote estala no forno faz um barulho que sai do ser vivo que escapa.”

Como se nota, a relação do homem com o barro é direta – chega-se a ingeri-lo com a finalidade de identificar suas propriedades para um bom trabalho ou até mesmo para a cura de um mal. Para se manusear a argila também é necessário respeitar suas propriedades e restrições, ou corre-se o risco de perder uma peça ou mesmo uma produção: por este motivo é comum entre uma família ou em uma determinada região trabalhar a argila do mesmo modo por várias gerações. Compreender os limites e as características do material, bem como do processo da cerâmica como um todo, constitui conhecimento de importância fundamental.

A FIGURA FEMININA - OS MITOS DA MÃE TERRA OU DEUSA MÃE

A figura da mulher está fortemente relacionada à vida, a procriação e perpetuação da espécie. Trata-se de um pensamento importante a várias culturas, que se relaciona com o mito da criação do homem a partir do barro e sopro, sendo a Grande Deusa Mãe do Universo (fig. 1):

Ao criar, Jeová cria o homem a partir da terra, do barro, e sopra vida no corpo formado. Ele próprio não está ali, presente, nessa forma. Mas a deusa está ali dentro, assim como continua aqui fora. O corpo de cada um é feito do corpo dela. Nessas mitologias, dá-se o reconhecimento dessa espécie de identidade universal. (CAMPBELL, 2007, p. 193).



Figura 1: “Deusa Mãe”. (fonte: CAMPBELL, 2007)

No campo das artes, por tempos, era mal vista a representação do corpo feminino, principalmente de seu órgão sexual (BRIDGE, 1999, p.17): “Os gregos inventaram que a mulher possuía no meio de seu corpo um buraco mortal: o Báratro, que levava a quem o penetrasse ao mundo subterrâneo dos infernos. Foi preciso a coragem e o gênio de um Goya, Rodin, Courbet para que aparecessem a fenda e a pilosidade do sexo feminino”.

Remetendo ao período paleolítico, é recorrente a figura da Vênus, estatuetas que representavam a fertilidade. Possuem formas arredondadas, com seus órgãos sexuais bastante evidenciados; no entanto, seu rosto é quase inexistente – motivo justificado pelo uso deste objeto, uma espécie de amuleto. Uma vez que esta figura representa a fertilidade, suas formas dão destaque à região dos quadris e seios (fig. 2).

Estas Vênus foram frequentemente usadas nas plantações, fincadas na terra, para atrair e manter a fertilidade da terra.



Figura 2: Vênus de Willendorf

A PRESENÇA MITOLÓGICA NA PRODUÇÃO CERÂMICA CONTEMPORÂNEA

Na produção cerâmica do artista brasileiro Francisco Brennand, suas criações remetem a um tema principal: a origem da vida e os mistérios da criação. Partindo desta temática, há em sua produção a presença de diversas personagens apropriadas de diferentes mitologias, sobretudo da greco-romana, como Hália, Palas Atena, Lara, Hiera, Galatéia, entre outros.

Estes personagens são em maioria mulheres com trágicos destinos. Ao serem resgatadas de suas histórias originais e trazidas à obra de Brennand, foi dada a cada uma delas a chance de retornar ao mundo e terem seus nomes constantemente lembrados.

Brennand, ao recriar suas histórias, as fez renascer e de certa maneira, o artista representa o momento da morte destas mulheres como um renascimento; como o momento em que deixaram de ser mortais, frágeis, efêmeras, para renascerem eternas, na forma de mitos modelados em barro. (LIMA 2009, p. 104)

Brennand não possui a preocupação de representar estes personagens mitológicos relacionando-os com suas histórias originais. O que o artista faz é se inspirar nestas histórias, acabando por criar uma mitologia própria em que emprega personagens de diferentes origens em uma mesma maneira de representação ou, ainda, utiliza-se de um elemento em comum para criar um elo entre as suas obras.

[...] Aqui eu criei uma mitologia absolutamente particular, pessoal, que não está relacionada a nenhum tipo de erudição. Cultuo os mitos, não no sentido de um aprofundamento, mas como um artista que desenvolve idéias que aparecem e são surpreendidas de momento a momento, preenchendo, também, lacunas do espírito. (BRENNAND, 2005).



Figura 3: Francisco Brennand, “Galatea” (vista lateral), cerâmica, 97 x 44 cm., 1977. (foto da autora, 2007)



Figura 4: Francisco Brennand, “Halia”, cerâmica, 77 x 44 cm., 1978. (foto da autora, 2007)

Talvez por partir desta maneira de criar uma mitologia própria, os mitos para Brennand ganhem um sentido ainda maior que o seu original. O artista, em suas representações, consegue manter viva a essência da figura representada. Como se este personagem tivesse a chance de retornar a este mundo, pois sua lembrança estaria sendo mantida. Lembra-se que grande parte dos personagens mitológicos representados por Brennand teve em suas histórias originais drásticas mortes. Suas esculturas em cerâmica, além de homenagear estas figuras, podem também – de certo modo – representar uma continuação de seus percursos. Seria como se, na obra de Brennand, estes personagens não estivessem apenas em representação, mas em uma extensão de sua existência.

Faz-se das palavras de Joseph Campbell (2007, p. 105) uma relação com a mitologia de Brennand: “O artista é aquele que transmite os mitos, hoje. Mas, ele precisa ser um artista que compreenda a mitologia e a humanidade, e não simplesmente um sociólogo com um programa”. Afirma, ainda (Ibidem, p. 89): “O mito deve ser mantido vivo. As pessoas capazes de o fazer são os artistas, de um tipo ou de outro. A função do artista é a mitologização do meio ambiente e do mundo.”

Mas além da representação de personagens, nota-se na obra de Brennand outras características com influência mitológica. O maior exemplo deste fator é a própria Oficina Brennand, espaço na cidade de Recife, Pernambuco, que abriga a indústria cerâmica e espaço de exposição permanente do artista, também conhecida como Museu ou Templo Brennand. É o local que reúne grande parte de suas criações, seus personagens, suas crenças, sua inspiração.

Cada forma, figura ou personagem presente na Oficina Brennand possui sua “função” para existir. Em seu ensaio “Brennand e a Origem do Mundo”, André Carneiro Leão (in BRIDGE, 1999, p.13) salienta a forte relação entre determinada figura presente na Oficina e seu significado: “[...] tudo ali é simbólico e nada se encontra por acaso. Nem mesmo os cisnes que placidamente flutuam no espelho d’água. Como se sabe, eles têm um significado mágico-religioso, ligado à idéia de crescimento e fertilidade.”

Ao trabalhar com o barro como suporte plástico e matéria prima, o artista o transforma pela ação do fogo, e este ganha a resistência necessária para superar as intempéries da natureza e resistir ao tempo – já que grande parte de seu Museu encontra-se a céu aberto e a relação com a natureza é direta. Pode-se dizer que, do barro modelado, Brennand cria seres eternos – ou *quase* eternos – que habitam este Templo, indiferentes ao clima e à passagem do tempo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os mitos sempre tiveram relacionados à técnica da cerâmica, seja por sua quase onipresença nos mitos da criação do homem, pelos cuidados com a extração e modelagem do barro, pela ação do fogo que transforma a matéria ou pela busca por um motivo maior que rege as ações e acrescentam significados as criações.

Pensar o barro não apenas como um suporte, mas como um elemento relacionado à obra criada a partir dele, como complemento à idéia ou significado pretendido. Esta matéria possui a característica de ser viva, extraída da natureza, tão relacionada à criação e evolução do homem, que para se tornar cerâmica passa por diversas transformações.

A cerâmica de Francisco Brennand exemplifica a intrincada ligação entre matéria e tema. Sua criação parte dos mistérios relacionados à origem da vida, seu ciclo de nascimento, reprodução, ou seja, de transformação. Além disso, o destaque de sua escultura se deve muito ao material de que é feita, fosse outro e o resultado final não seria o mesmo.

Talvez sejam estas características particulares que atraem diversos artistas a explorarem as diversas possibilidades oferecidas por esta técnica única.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BERTOLI, Mariza. **A sedução dos contrários na arte da América Latina** – através da análise comparada da produção artística de Francisco Brennand e Gilvan Samico (Brasil), de Oswaldo Viteri (Equador) e de Gustavo Nakle (Uruguai). Tese de Doutorado, Universidade de São Paulo: São Paulo, 2003.

BRENNAND, Francisco. **Testamento I** – O oráculo contrariado. Recife: Edições Bagaço, 2005.

BRIDGE, Mark. **O Triunfo de Eros** – sexo e símbolo na escultura de Brennand. Recife: Letras & Artes Editora, 1999.

CAMPBELL, Joseph. **O poder do mito**. São Paulo: Palas Athena, 2007.

LÉVI-STRAUSS, Claude. **A Oleira Ciumenta**. Portugal: Edições 70, 1985.

LIMA, Camila da Costa. **Francisco Brennand: aspectos da construção de uma obra em escultura cerâmica**. Dissertação de Mestrado, Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho: São Paulo, 2009.

Revista UnespCiência. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, n. 31, jun. 2012.